

Pereira da Silva, Fabricio (2023). *En busca de la comunidad: Caminos del pensamiento crítico en la periferia global*. Colección Pensamiento latinoamericano. Buenos Aires: Teseo Press. 331 pp.

Por Allysson Lemos GAMA DA SILVA*

Recibido: 01 de julio de 2024

Aceptado: 05 de julio de 2024

A obra *En busca de la comunidad: Caminos del pensamiento crítico en la periferia global* (2023) de Fabricio Pereira da Silva é, simplesmente, uma contribuição fundamental ao debate político do tempo presente. Se hoje vemos movimentos sociais, ONG's, partidos políticos se organizarem em torno de ideias e valores como ancestralidade, formação de identidades a partir desta, diversidade, pluralidade cultural, de religião, artística, podemos encontrar nesta obra um guia de como estas ideias ganharam dimensão política ao redor do mundo, em especial nos países da periferia do capitalismo. Isto atribui ao livro uma relevância notória no que diz respeito ao debate público, sobretudo no tipo de agenda política que vem sendo implementada pelas esquerdas nesses países.

O autor se dedica a analisar o legado deixado pelos intelectuais da negritude, do socialismo africano, do *ubuntu* no continente africano; de *sumak kawsay* e *suma qamaña*, Bem Viver e Viver Bem na região andina; e o de felicidade nacional bruta, no Butão. Conecta-os ao que chama de romantismo, na medida em que se aproximam pelo que classifica como “busca pelo passado” como caminho para encontrar um sentido de futuro. Sobre este romantismo, destaca o autor:

Löwy e Sayre (2015) (...) os autores defendem que se pode entender o romantismo não apenas como uma corrente artístico-literária de começos do século XIX, mas também como um modo de ver o mundo moderno que se estende até hoje, quase como uma antítese da modernidade. Deste modo, constituiria uma crítica à modernidade surgida a partir da modernidade, a partir do seu interior (Pereira da Silva, 2023, p. 33) (Tradução livre).

Este é um aspecto importante, que baliza toda a obra: como diz Pereira da Silva, “sem passado, só há presente” (2023, p. 15). O autor nota como a busca por um passado entre os homens e mulheres periféricos se justifica por uma espécie de condenação a um lugar no mundo, qual seja, um lugar sem história, uma extensão do centro do capitalismo. Nesse sentido, os projetos e ideias políticas pesquisados pelo autor marcam uma busca por um passado pré-moderno ou pré-capitalista, não como uma tentativa de retorno, como muitas vezes são criticados - ênfase constante do autor -, mas sim como inspirações para “futurismos”, ou até mesmo a “base para uma nova sociedade” (Pereira da Silva, 2023, p. 27).

A busca desse passado e o conseqüente elo que se propõe com o futuro podem ser encontrados na ideia de comunidade. Então esses projetos de emancipação seriam marcados por uma valorização de uma tradição comunitária e, nesse sentido, se contrapõem ao individualismo moderno. Pereira da Silva (2023) traça uma genealogia desse tipo de raciocínio político que vai

* Brasileiro, Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, Brasil). E-mail: allysson.lemos@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0003-0113-3334

desde a comuna rural dos populistas russos, passando pelo socialismo indo-americano de José Carlos Mariátegui e alcançando propriamente os projetos que foram objeto de estudo desta obra. Tal tradição política se distingue do marxismo de inspiração soviética precisamente nisto: aqui o autor aciona uma crítica à concepção teleológica da História presente na política da Internacional Comunista, na qual essas experiências sociais e culturais comunitárias eram associadas com arcaísmos dessas sociedades periféricas, que deveriam ser superadas com o desenvolvimento das relações de produção. Por outro lado, está presente no autor também uma crítica aos que veem as relações sociais comunitárias como experiências alheias à modernidade. Ao contrário, a comunidade se apresenta, nestes projetos políticos, como uma antítese da modernidade e que, portanto, convive com ela, buscando transformá-la ou superá-la.

Este aspecto poderia ser encontrado, por exemplo, na obra de Léopold Senghor, fundamental intelectual do conceito de “negritude”. Segundo Pereira da Silva, o método utilizado pelo autor é o elogio ao passado como crítica da modernidade, valorizando os sistemas políticos africanos tradicionais, onde a política serviria ao bem da comunidade e não de indivíduos, como nas democracias ocidentais. Para Pereira da Silva, portanto, o que se pode encontrar na obra de Senghor é uma crítica romântica à modernidade. Assim, o autor estaria em busca de uma espécie de terceira via, que teria como base as “comunidades harmônicas” africanas (Pereira da Silva, 2023). Já Aimé Césaire, outro expoente dessa corrente de pensamento, é visto por Pereira da Silva como um pensador mais próximo ao marxismo, no contexto de debate sobre a negritude. Haveria nesse pensador uma associação mais explícita entre racismo, colonialismo e capitalismo. No entanto, há também uma posição mais crítica à ideia de progresso em relação ao marxismo soviético e ao “Jovem Marx”, já que o que seria o elemento “progressista”, “modernizante” do capitalismo, aparece em Césaire como eliminador de civilizações e culturas.

Outra distinção entre Senghor e Césaire notada pelo autor diz respeito ao conceito de raça. A raça é biológica ou histórica? Existe essência negra? Em Senghor, os fundamentos para entender a “cultura negro-africana” seriam também biológicos, e também discutia a ideia de uma essência negra e uma essência branca: a primeira marcada pela emoção e a segunda pela razão:

de acordo com ele, o negro não estaria, por tradição, desprovido de razão, mas sim apresentaria uma outra racionalidade, não “discursiva”, mas “sintética”; não “antagônica”, mas “simpática”. Em suma, outra forma de conhecimento: “a razão do branco é analítica através da utilização: a razão do negro é intuitiva, através da participação” (Senghor, 1956, p.52). Por isso, conectado com a terra, com o cosmos, o negro seria tato antes de olhar; se abandonaria ao outro, passando de sujeito a objeto; não seria assimilado, se assimilaria no outro. Esta “fisiopsicologia” do negro influiria nos mais diversos aspectos, como sua metafísica, sua arte, sua cultura, sua organização social e política (Pereira da Silva, 2023, p. 77-78) (Tradução minha).

Já em Césaire se encontraria uma expressão não-essencialista do conceito de negritude. A negritude seria uma forma adotada historicamente pela humanidade. Essa contraposição entre biologia e história, essência e cultura é bastante enfatizada pelo autor, até por ser o cerne da crítica ao conceito de negritude. Pereira da Silva coloca o sociólogo e ex-ministro do Dahomey (atual Benin) Stanislas Adotevi como principal crítico, que no lugar de uma “essência negra”, busca entender o “negro real”. Para Pereira da Silva, o problema da crítica de Adotevi é que, ao se distanciar do conceito de negritude, busca como utopia o lado inverso: a modernidade, como ápice do domínio da natureza pelo homem, o desenvolvimento e o progresso. Caminho diferente seguiria o haitiano René Depestre, que defenderia uma “condição negra” no lugar de uma “alma negra”. De todo modo, Depestre era um ex-adepto do conceito de negritude, que

passou a defender que este teria se esgotado, associando a obra de Senghor com um essencialismo que afastava os negros de suas motivações reais.

Para nosso autor, dentre os essencialismos – que ele nota que devem ser entendidos no plural –, os mais problemáticos seriam aqueles que buscam determinações físicas e biológicas, e menos graves seriam os que buscam um essencialismo cultural. No entanto, sobre o futuro do conceito de negritude, o autor acredita que seria interessante a aposta em versões livres desses essencialismos. O que é importante notar aqui é o sutil entendimento de Pereira da Silva a respeito dessa busca do passado: ela não é necessariamente essencialista. A busca do passado, para o autor, se confunde com a busca do “próprio”, do “particular”, de uma identidade que possa ser mobilizadora do futuro.

Após uma rica análise de pensadores e líderes ligados ao socialismo africano – como o já mencionado Senghor, o ex-primeiro-ministro e presidente de Gana, Kwame Nkrumah, fundamental expoente do panafricanismo e Julius Nyerere, ex-presidente da Tanzânia e formulador do ujamaa –, o autor destaca mais uma vez que estes projetos se encontram nos marcos da modernidade, ainda que também executem uma busca pelo passado e elementos que seguem presentes nessas sociedades. Para o autor, esta busca constitui um objetivo de alcançar uma “síntese superior” entre o passado comunal e a modernidade, e não uma visão “reacionária de retorno ao passado”. O autor nota ainda que esses projetos preservam uma noção de progresso, mas diferente daquele previsto no evolucionismo e na teleologia da história (Pereira da Silva, 2023, p.165).

A crítica de Pereira da Silva às análises dos intelectuais do socialismo africano consiste no rechaço à ideia de luta de classes, o que para ele representa uma debilidade de formulação teórica:

Deve-se considerar que, quando se produziu a colonização europeia, boa parte do continente já apresentava organizações sociais nas quais já havia elementos classistas em diferentes configurações; que isto se aprofundou na medida em que as colonizações impactaram em algum nível toda a região, e que isto se tornou, todavia mais complexo com o desenvolvimento posterior do continente, nas décadas posteriores às independências políticas (Pereira da Silva, 2023, p. 168) (Tradução minha).

Esta polêmica também está presente no debate sobre o conceito de *ubuntu*. Primeiramente o autor destaca a pluralidade de sentidos atribuídos ao termo, alcançando uma dimensão de “palavra-ônibus” ou “conceito *catch-all*” nos tempos atuais (Pereira da Silva, 2023, p. 172). Assim sendo, o autor faz uma genealogia do termo, buscando seu sentido original – ligado a uma ideia de qualidade moral típica dos africanos e de “natureza humana” –, e o desenvolvimento de sentido ocorrido a partir de meados do século XX – quando adquiriu o sentido de uma ética ou “visão de mundo”, e também o sentido de ancestralidade e conexão com a comunidade.

Mais uma vez, ao mencionar os críticos, o autor se depara com a ideia de “retorno ao passado” e de essencialismo na compreensão do que é o negro africano, como na posição de Bernard Matolino. Para Pereira da Silva, o *ubuntu* pode sim funcionar como perspectiva atual, sem estar preso ao que representou em sua origem, resgatando os valores comuns ainda presentes no continente africano.

Já no debate sobre o *sumak kawsay* e *suma qamaña* na região andina, especificamente Bolívia e Equador, a questão do essencialismo se dá de forma diferente. Pereira da Silva busca problematizar uma dicotomia entre o que seria ancestral e o que seria ocidental. Não existiria um consenso sobre o caráter da formulação desses conceitos, ligados à ideia de “Bem Viver”: qual é o nível de influência moderna nessas elaborações? Para muitos seriam formulações

“híbridas e recentes”, que se deram mediante o encontro de acadêmicos ocidentais, mestiços e indígenas (Pereira da Silva, 2023, p.231).

Para o autor, esta contraposição deveria ser superada, bem como o dualismo entre moderno e arcaico. Segundo ele, os conceitos têm por inspiração as sociedades indígenas dos dois países, mas foram elaborados nos encontros entre movimentos sociais, ONG's, intelectuais, de forma que a característica que marca tal discussão é precisamente o hibridismo, seguindo a tradição katarista da *doble mirada*.

Se a respeito do *ubuntu* foi notada pelo autor uma pluralidade semântica, no debate do “Bem Viver” se podem encontrar também diferentes apropriações da ideia. A ideia de Bem Viver consiste, em termos gerais, na proposta de uma relação não antropocêntrica do homem com a natureza, mas sim recíproca, o que é baseado nas visões de mundo aymara e quéchuas. De certa maneira, se contrapõe à visão desenvolvimentista, onde a natureza deve ser instrumentalizada para gerar progresso e bem-estar social. Mas o que o autor mostra é que, mesmo a respeito desse tema não há consenso, já que alguns formuladores apresentam o Bem-Viver num campo de ideias desenvolvimentistas, quase como um sinônimo do Bem-Estar Social. Em outras vezes, o Bem Viver é associado com o socialismo, quando se enfatiza a perspectiva comunitária de ambos.

No capítulo 6, o autor trata da ideia de Felicidade Nacional Bruta advinda das políticas de Estado butanesas. Derivado desta ideia está também o conceito *Gross National Happiness* (GNH), que surgiu como uma crítica ao que seria uma obsessão ocidental pelo Produto Interno Bruto (PIB). Da mesma maneira que ocorreu com o *sumak kawsay* e o *suma qamaña*, na GNH se vê uma origem e inspiração autóctone, relacionado a valores budistas, mas também em contato com acadêmicos, políticos e gestores do Norte Global (Pereira da Silva, 2023).

Ao apreciar a crítica à GNH – advinda principalmente de minorias falantes do nepalês e hinduístas, que foram excluídas das políticas oficiais -, o autor expressa sua simpatia pelo debate, mas reconhece a necessidade de mediação entre as partes opositoras, papel que ele busca cumprir no âmbito intelectual.

O autor nota que o debate sobre a felicidade nacional bruta adquiriu, historicamente, ares de ideologia oficial e construção nacional. Sobre sua origem, diz que se divide entre um “ethos popular” e o monarca, que seria uma espécie de tradutor dessa essência nacional (Pereira da Silva, 2023). Na oposição proposta pelo autor do livro, GNH e IDH se distinguem como índices ao expressarem, respectivamente, um comunitarismo e um individualismo, o que repousa também na diferença de perspectivas sobre “felicidade”, no budismo e no utilitarismo ocidental.

A modo de conclusão, o autor explica que confrontar esses discursos e ideias apreciados com uma dita “base material”, ou seja, buscar entender a correspondência destes com o real, não é um objetivo deste livro. Todavia, Pereira da Silva apresenta uma interessante perspectiva a respeito do conceito de “tradição inventada” de Eric Hobsbawm, qual seja, a ideia de que, em geral, ainda que parcialmente, toda tradição apresenta uma correspondência com tal base material e, ainda mais importante, que toda tradição tem um certo traço de invenção. Com isso, o autor busca se contrapor à ciência que busca atribuir a esses projetos de busca ou resgate do passado noções como as de falsificações ou mistificações. Ao contrário, defende que as crenças podem causar um ímpeto mobilizador.

Já a respeito do que seriam os objetivos do livro, o autor não faz mistério: o combate ao etnocentrismo e a defesa da existência das diferentes temporalidades que constituem o mundo moderno. Tais temporalidades permanecem invisíveis diante da percepção hegemônica, que é evolucionista, e o autor dessa forma põe em xeque a ideia de progresso, que é fundante do moderno, e todo o arcabouço de valores que pressupõem um único destino à humanidade.